

JAZZ

8 JANEIRO 2016

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Desidério Lázaro

Subtractive Colors

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone tenor e soprano Desidério Lázaro Saxofone tenor e alto, flauta João Capinha
Clarinete soprano e baixo Paulo Gaspar Contrabaixo Mário Franco
Contrabaixo e baixo elétrico João Hasselberg Bateria Luís Candeias

Sex 8 de janeiro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Livre do preconceito

Passado quase um ano da publicação do álbum *Subtractive Colors*, esta apresentação pública de Desidério Lázaro permite-nos conhecer a forma como o projeto amadureceu e foi sendo atualizado neste intervalo de tempo. Diz o próprio saxofonista e compositor: «Inclui composições mais recentes, assim como outras que não constaram em anteriores apresentações dado que não tenho a colaboração dos dois cantores que aparecem no disco e não utilizo projeção de vídeo. O concerto é feito exclusivamente em sexteto e incide sobre o lado mais instrumental e menos conceptual deste trabalho.»

O que nele se evidencia, neste novo quadro, é precisamente o fator que mais surpreendeu e agradou quando o CD começou a circular: a definitiva aposta de Lázaro no mister da composição, depois de se ter afirmado como saxofonista de capacidades fora do vulgar. Se no jazz, regra geral, a escrita é colocada ao serviço da improvisação, no caso presente ganha uma relevância antes insuspeitada, valendo por si mesma. Ainda que, como não poderia deixar de ser, o Lázaro compositor tenha em mente o improvisador que sobretudo é e os músicos que com ele tocam, designadamente João Capinha, Paulo Gaspar, Mário Franco, João Hasselberg e Luís Candeias.

«Para mim, o ato de compor é bastante similar ao de improvisar, dado que 99% dos meus temas nascem de improvisações, com ou sem contexto relativamente à ideia original que as

precede. O lado mais estritamente individualizado da improvisação (no que se refere, por exemplo, a ser esse o fio condutor de uma *performance*) começa na minha cabeça a dar lugar à coerência da obra no seu todo», argumenta o músico algarvio. Trocando por miúdos: «Penso na música como se de uma banda sonora cinematográfica se tratasse, pelo que a improvisação individual serve o todo, e não o contrário. Mas isto também é válido na inversa, pois vou alternando consoante as circunstâncias. Por exemplo, *Absence of White* consiste apenas numa melodia em uníssono com dois saxofones acompanhados pela bateria, logo os solos improvisados assumem um papel condutor.»

Subtractive Colors é, então, como que a música para um filme, ainda que sem o filme? Sim e não, porque outra referência do disco são os videojogos, especialmente detetável em *Link's Last Adventure*, que se inspirou no jogo mais emblemático da Nintendo, *A Lenda de Zelda*. «Sou um grande fã da música feita para o grande e o pequeno ecrãs. Quando colocada ao serviço de uma representação visual, o papel da música torna-se necessariamente diferente, torna-se complementar. Além de que me fascinam as melodias das bandas sonoras, e são precisamente as melodias que me movem», sustenta o músico.

Esta característica da fase atual vivida por Desidério Lázaro leva-o a uma assunção sem complexos da cultura pop. Em termos especificamente musicais esta traduz-se pela incorporação de elementos do rock, do *funk* e do *hip-hop*. Mas depois há uma vertente

que contrasta radicalmente com esta: algumas passagens de *Subtractive Colors* levam o grupo para os domínios da música de câmara, com uma complexificação das estruturas e do plano harmónico a condizer. Tomamos conhecimento: «Essa abertura de parâmetros responde apenas ao objetivo hedonista de mandar músicas cá para fora, sejam elas amarelas, azuis ou cinzentas. Nunca me preocupo com a formalidade ou a estética, e isso para o bem como para o mal. Quando finalmente tenho 12/13 peças escritas, tento encontrar uma ligação, um equilíbrio, e escolho o alinhamento em função da viagem do ouvinte, mesmo que para isso deixe partituras interessantes de fora.»

A questão levou-o a concluir o que segue: «Agora que o CD está feito, já me posso dar ao luxo de apresentar composições novas que possam providenciar outras viagens.» Novas, sem dúvida, mas dentro da mesma, já por si bastante alargada, moldura formal. Ainda que não seja uma essência imutável, a da música de Desidério Lázaro está no *hard bop*, essa tendência histórica do jazz que acabaria por resultar no free e no jazz de fusão. É essa a constante num fluir incessante de variáveis, consistente com a aversão do saxofonista pelo facto de a Música se ter dividido em “músicas”...

O som e o estilo saxofonísticos de Lázaro têm as marcas da influência de John Coltrane, Sonny Rollins e Steve Lacy, mas estas foram naturalmente processadas e interiorizadas. Uma das particularidades mais distintivas deste algarvio residente em Lisboa é ter desenvolvido uma personalidade

musical muito própria, sem que para tal se sentisse obrigado a operar quaisquer ruturas de vulto com a sua formação. «Procuo essencialmente não controlar o efeito que as influências têm em mim. Já tentei, em tempos, mas agora o meu objetivo passa por afastar-me do preconceito, esse grande inimigo da criatividade. Para com os outros e para comigo.»

«Não escolho caminhos. Eles escolhem-me a mim. Há tanta música boa e inspiradora, tantas composições que nascem dessas influências, que se fosse barato gravar, lançaria 10 discos por ano de música diferente», diz Desidério Lázaro. Não que o que faça caiba no rótulo “fusão”, apesar de haver mistura: «Não sou muito a favor de categorizações, embora entenda o seu intuito e a sua utilidade. A música improvisada permite uma espécie de “vale-tudo” e espero que se mantenha assim: o futuro do jazz está na fusão de todos os jazzes, livres e menos livres.»

O conceito de fusão, para Lázaro, é inclusive um cliché: «Cores, timbres e músicos, quando misturados, anulam-se. A minha banda é a soma das suas partes e não um veículo de improvisadores solísticos, embora essas secções de solo existam, devidamente enquadradas. Tenho um conceito de grupo, o que faz com que não me sinta como o solista principal. Penso mais como um cantor: importa-me sobretudo que as melodias estejam bem tocadas e que sejam claras e interpretadas da maneira idealizada.»

Desidério Lázaro tem ainda outra noção condutora: a música é teatro e o músico um ator. «Cada tema corres-

ponde a uma identidade que se pode traduzir em cor ou em estado emocional. Nesse sentido, o músico deve ter versatilidade suficiente para vestir o papel de cada identidade musical que toca. É isso que nos separa das máquinas que fazem música. Não somos apenas um algoritmo, uma conjugação de notas e acordes com ritmo. Há também uma entrega ao significado», explica.

A escolha dos instrumentistas que o acompanham nesta missão tem sido crucial para colocar tal ideia em prática: «É maravilhoso contar com músicos que têm a flexibilidade necessária para poder criar momentos diferentes num alinhamento. Julgo ser isso que resulta na nossa dinâmica.» Sem minorizar a contribuição de todos os outros há um entre eles que se destaca, o clarinetista Paulo Gaspar, e nisso reparou a crítica ao reservar-lhe especiais elogios. O comentário de Lázaro: «O Paulo é um ser humano maravilhoso e é a pessoa responsável por eu ter seguido uma carreira na música: foi meu professor de clarinete. A sua insuperável humildade só tem paralelo na sua dedicação.»

Se tudo o que vamos ouvir é refletido, deriva igualmente da dedicação de Desidério Lázaro à meditação budista – esse é, no entanto, um exercício que exige continuidade, tal como a própria criação musical, visando o máximo aperfeiçoamento metódico que for possível. «Dá-me foco e ajuda a livrar-me do tal preconceito. É um processo lento, mas acredito que lá chegarei. Serei nessa altura o músico que aspiro ser», promete. Seguem-se outros episódios,

e tudo indica que serão igualmente surpreendentes...

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Desidério Lázaro

saxofones tenor e soprano

Nascido em Faro a 1982, Desidério Lázaro iniciou os seus estudos de flauta aos 6 anos de idade, mudando-se para o clarinete aos 10. Estudou música clássica nos conservatórios de Faro e Setúbal, onde foi aluno de Paulo Gaspar, e foi membro da Orquestra Clássica Juvenil do Algarve, Orquestra de Metais do Algarve, Camerata Musical do Barreiro (para a qual também contribuiu com arranjos) e diversas bandas filarmónicas e agrupamentos de música de câmara, tendo feito centenas de concertos por todo o país e representando todas as escolas que frequentou. Mais tarde, em 2002, ingressou no estudo da música jazz e do saxofone na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas (Hot Clube) novamente com Paulo Gaspar e Pedro Moreira. Dois anos mais tarde, Desidério mudou-se para Amesterdão onde terminou com mérito a licenciatura em Jazz no Conservatório de Amesterdão e onde teve oportunidade de estudar com Ferdinand Povel, Jasper Blom e Dick Oatts.

Em 2010 lançou o seu primeiro disco em trio, *Rotina impermanente* (JACC Records), que, tendo sido muito bem recebido pela crítica e imprensa especializada, foi considerado um dos discos do ano para a revista *jazz.pt*. Lançou, em setembro de 2012, o seu segundo disco, *Samsara* (pela Sintoma Records, editora independente de que Desidério é também coautor), igualmente referenciado como um dos melhores discos do ano, nomeadamente pelo diretor

da Antena 2, João Almeida. Em 2013, edita o seu terceiro disco de originais, novamente com o trio, *Cérebro: Estado Zero* (Sintoma Records), ao mesmo tempo que termina o Mestrado em Jazz Performance na Escola Superior de Música de Lisboa. Dois anos mais tarde, Desidério torna a apresentar um projeto da sua autoria – *Subtractive Colors* –, no lançamento de um disco homónimo, que reúne um conjunto de composições escritas para um *ensemble* muito particular que inclui três sopros, dois contrabaixos e bateria.

Apresentando-se regularmente em palco, em diferentes salas de espetáculo e festivais e com os mais variados projetos quer como *sideman* quer como líder, Desidério Lázaro é também professor na Escola Superior de Música de Lisboa e na Universidade Lusíada.
www.desideriolazaro.wordpress.com

João Capinha

saxofones tenor e alto, flauta

João Capinha começou por frequentar o Conservatório de Caldas da Rainha (na classe de saxofone do prof. Mário Marques) e foi completar a Licenciatura em Jazz na Escola Superior de Música de Lisboa. Frequenta ainda a ESML, agora como aluno de Mestrado em Música.

Tem integrado diferentes grupos, de diferentes estilos musicais – pop, *hip-hop*, jazz –, constituindo-se assim como um músico particularmente versátil, que se adapta a diferentes contextos e linguagens sem perder a sua assinatura artística.

Integra atualmente a Big Band do Município da Nazaré, Reunion Big Jazz Band, Tora Tora Big Band, Big Band do HCP, doBop (Quarteto de Saxofones) e tem participado, como *freelancer*, em diversos projetos musicais dos quais se destacam *20 Canções para Zeca Afonso*, Tabanka Djaz e Eduardo Paím.

João Capinha tem também o seu próprio projeto de composições originais, J.C. Project. Paralelamente ao seu trabalho como músico e compositor, Capinha leciona no Conservatório de Lisboa, HCP (Hot Clube de Portugal), Bloom Music Academy e CCMB (Círculo de Cultura Musical Bombarrulense).
www.joaocapinha.pt.am

Paulo Gaspar

clarinetes soprano e baixo

Paulo Gaspar nasceu na Azambuja, em 1970, e aos 19 anos ingressou na Banda da Armada. A partir de 1991 torna-se o clarinetista dos Dixie Gang, grupo com dois discos editados e diversas representações em Portugal e no estrangeiro. Foi elemento do Ensemble Clarinete Modus (1992-1999) e da Orquestra de Clarinetes José Canongia. Em 1992, formou um Duo com a pianista Ana Cristina Bernardo que se mantém em atividade desde aí. Em 1994, em conjunto com o seu professor de clarinete, Manuel Jerónimo, formou um duo de clarinetes que realizou diversos concertos.

Em 1999, nasceu o quarteto de clarinetes baixos – Gravitis – com o qual se apresentou em Metz (França) com o espetáculo de teatro musical *Graouilly*, de Étienne Lamaison. Também nesse

ano nasceu o Quinteto Ruben Alves que representou Portugal no Concurso de Jazz de Avignon (França, 2001).

Enquanto profissional *freelancer*, Paulo Gaspar tem colaborado com alguns dos mais importantes músicos portugueses assim como com os agrupamentos da Orquestra Sinfonia B, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Sinfonieta de Lisboa, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Gulbenkian e a Big Band do Hot Club de Portugal.

Lecionou a disciplina de clarinete nos Conservatórios Regionais de Loures e Setúbal e é, desde 1991, professor de clarinete na Escola de Jazz do Hot Club de Portugal. Gaspar foi aluno da Escola de Música do Conservatório Nacional e da Escola de Jazz do Hot Club de Portugal. Em 1999 concluiu a Licenciatura em Clarinete na Escola Superior de Música de Lisboa, em 2006 o Mestrado em Artes Musicais na Universidade Nova de Lisboa e é atualmente doutorando da Universidade de Évora.

Mário Franco

contrabaixo

Natural de Lisboa, Mário Franco iniciou os seus estudos musicais aos 4 anos no Centro de Estudos Gregorianos de Lisboa. Posteriormente, na Academia de Amadores de Música, estudou Contrabaixo com Fernando Flores e Composição com Pedro Rocha. Frequentou cursos de Contrabaixo com Ludwig Streicher e recebeu o 1.º prémio em 1988 no Concurso Jovens Músicos.

Desde muito cedo interessa-se também pelo jazz. Foi aluno da escola do Hot Clube de Portugal. Participou em diversos *workshops* com músicos dos quais se destacam Rufus Reid, Niels-Henning Ørsted Pedersen, Eberhard Weber, Dave Holland, Gary Burton, David Liebman.

Em 1990 apresenta o seu primeiro projeto baseado em originais, no concurso A Juventude e a Música, onde obtém o 1.º prémio de grupo e o 2.º prémio de composição. A sua formação diversificada permitiu-lhe trabalhar desde a década de 1990 até hoje em diversas áreas da música inserido nos mais variados contextos.

Na área do jazz tem dois discos em nome próprio, editados pela TOAP Records, *This Life* (2006) e *Our Door* (2013), muito bem referidos pela crítica especializada. Compõe regularmente para teatro e dança e, a partir de 2013, também para cinema.

Mário Franco tem participado nos mais importantes festivais de música nacionais e em digressões no estrangeiro, sobretudo pela Europa, Ásia e América do Sul.

Paralelamente à música, Mário Franco é bailarino principal da Companhia Nacional de Bailado desde 1986.

www.mariofranco.net

João Hasselberg contrabaixo e baixo elétrico

O João Hasselberg começou por tocar baixo elétrico aos 16 anos de idade e completou a Escola de Jazz Luiz Villas-

-Boas do Hot Clube de Portugal. Depois de se ter iniciado no estudo de contrabaixo, aos 20 anos de idade, ingressou no Conservatório de Amesterdão, pelo qual se licenciou em 2010.

Em 2007, João alcançou o 3.º lugar na Competição Internacional de Jazz de Bucareste, apresentou-se nas semifinais do concurso Keep an Eye Jazz Award, em 2009, e alcançou o 1.º lugar no Prémio Jovens Músicos 2011 na categoria Jazz Combo.

João Hasselberg é atualmente um músico que se apresenta constantemente em inúmeros projetos nacionais e internacionais; é professor de contrabaixo na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal e, em 2013, estreou-se como compositor e líder do seu próprio projeto com o lançamento do disco *Whatever It Is You're Seeking, Won't Come In The Form You're Expecting*. Um ano mais tarde, Hasselberg torna a lançar um álbum de composições originais *Truth Has To Be Given In Riddles* (ed. autor), igualmente muito bem recebido pela crítica e imprensa especializada.

www.joaohasselberg.com

Luís Candeias bateria

Luís Candeias iniciou os seus estudos em jazz na Escola Luiz Villas-Boas do Hot Clube de Portugal em 2004 e completou a Licenciatura em Jazz/Bateria no Conservatório de Amesterdão, em 2008.

Luís tem atuado nos mais diversos palcos e festivais de jazz por toda a

Europa, colaborando com diferentes projetos musicais e artistas, entre os quais de destacam, Afonso Pais, Paula Sousa, Desidério Lázaro, Joana Espadinha e Bruno Santos. A par do seu constante trabalho como músico, Candeias leciona a disciplina de bateria na Escola JB Jazz e na Escola Luiz Villas-Boas.

Próximos espetáculos

The Evening Isolde

Dois espetáculos de Richard
Maxwell / New York City Players

Teatro Seg 11, ter 12 de janeiro
Sex 15, sáb 16 de janeiro · M12



Isolde © New York City Players

Dele disse o *New York Times* que é “talvez o maior autor americano experimental da sua geração”. Richard Maxwell vem pela primeira vez a Portugal com o seu teatro direto e lacunar, com situações reconhecíveis e depuradas onde a emoção brota da neutralidade dos atores.

Próximo espetáculo de música

Ches Smith, Craig Taborn, Mat Maneri

Jazz Dom 17 de janeiro
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



“O melhor que vi durante o fim-de-semana foi um trio soberbo liderado pelo baterista Ches Smith com o pianista Craig Taborn e o violista Mat Maneri.” Peter Margasak, *Chicago Reader*, crítica ao New York Winter Jazz Festival, 17.01.14
A crítica especializada fala numa «química especial» entre os músicos. Uma oportunidade para ouvir, em primeira mão, *The Bell*, que será editado este ano pela ECM.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Estagiárias:

Cláudia Pereira

Nádia Luís

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt